

A data da deposição do cadáver de Lopo Fernandes Pacheco no túmulo da Sé

Por

J. M. CORDEIRO DE SOUSA
Da Academia Portuguesa da História

Júlio de Castilho ⁽¹⁾, Sousa Viterbo ⁽²⁾ e Gabriel Pereira ⁽³⁾, três dos nossos mais notáveis investigadores do século passado, ao publicarem a inscrição sepulcral de Lopo Fernandes Pacheco, dizem-nos que a deposição do cadáver do nobre senhor de Ferreira de Aves, no seu túmulo na capela de São Cosme e São Damião, no deambulatório da Sé de Lisboa, foi no dia 22 do mês de Dezembro da era de 1387, ano cristão de 1349. Mas o dia indicado na inscrição que está embutida na parede da mencionada capela, por cima do túmulo é, sem a menor dúvida, XX:E:NOUE.

Não sei como tão meticolosos investigadores se terão equivocado, quando a inscrição, como muito bem afirma o primeiro, «é facilíma de ler» ⁽⁴⁾. Afirmação que é confirmada, e facilmente verificável na bela fotografatura inserta entre as páginas 96 e 97 das minhas *Inscrições Portuguesas de Lisboa*, editadas pela Academia Portuguesa da História em 1940.

O erro deve provir da má leitura de Castilho, ou, mais rigorosamente, de José Gomes Góis, que leu para ele, assim como Xavier da Cunha ⁽⁵⁾.

⁽¹⁾ *Lisboa Antiga*—2.^a P. Bairros orientais, tom. 3.^o, cap. XV, p. 237. Ed. 1885.

⁽²⁾ *Curiosidades históricas e artísticas*—VI. Um túmulo monumental na Sé de Lisboa, p. 29. Lisboa 1892.

⁽³⁾ *Dois túmulos na Sé de Lisboa*, in «*Arte Portuguesa*». Ano I, n.^o 1, p. 14. Lisboa 1895.

⁽⁴⁾ *Lisboa Antiga*, cap. XV, p. 236.

⁽⁵⁾ Tomo cit., cap. XVIII, p. 281.

Castilho não era um epigrafista, e Gomes Góis auxiliou-o, pelo menos na leitura da extensa inscrição da *hordinhacõ*, ou «regulamento da capela de Bartolomeu Joanes», como ele próprio declara ⁽⁶⁾, se não, naturalmente, na de muitas outras que inclui na sua *Lisboa Antiga* ⁽⁷⁾.

Todos os que reproduzem essa inscrição posteriormente ao aparecimento da obra de Castilho, repetem a data errada de 22 de Dezembro, sem se darem ao cuidado de verificar a exactidão da leitura apresentada pelo Mestre olisiponense.

Ora, em 1885 a capela dos Santos Doutores estava atravancada pelo desconjuntado mobiliário que compunha o gabinete do Deão da Sé ⁽⁸⁾ em que fora irreverentemente transformada. A luz que quase só lhe vinha do lado da charola, seria má, e muito o pó ali acumulado, o que, evidentemente, dificultava a observação da lápida. O erro é, pois, admissível em Castilho. Mas os que se lhe seguiram podiam tê-lo corrigido.

Castilho não leu bem, mas não se deixou influenciar por transcrições anteriormente feitas, que verificou terem sido executadas por «maneira erradíssima» ⁽⁹⁾. O seu mal foi apenas ter confiado demasiadamente na competência de quem, embora bom paleógrafo, não tinha suficiente prática da escrita lapidar medieval.

Em verdade, uns mais, outros menos, todos os que se haviam referido a esta inscrição, lhe alteraram os dizeres, segundo a sua fantasia, e quanto à data do enterramento também não se lhes nota uma concordância absoluta.

O cónego Vilela ⁽¹⁰⁾, dá esse facto como ocorrido aos 20 dias de Dezembro. Mas embora a sua leitura não seja perfeita, omitindo até duas linhas da inscrição, é, no entanto, a que menos erros contém.

Moreira ⁽¹¹⁾, fixa o enterramento em 22 de Dezembro de 1386, e, apesar de Mendes Leal dizer que ele corrigira «os muitos enganos de Vilela», não

⁽⁶⁾ Idem, cap. XXII, p. 331.

⁽⁷⁾ Idem, id., p. 286, etc.

⁽⁸⁾ Idem, cap. XV, p. 232.

⁽⁹⁾ Idem, id., p. 236.

⁽¹⁰⁾ *Arqueologia Portuguesa. A Sé de Lisboa. Memória do cónego Luiz Duarte Vilela da Silva, emendada e anotada por Sua Eminência o Cardeal Patriarca D. Francisco de S. Luiz.* — XII. *Das antiquíssimas inscrições que se acham exaradas em muitas partes da Catedral.* in «Revista Universal Lisbonense», XIII ano, n.º 18. Lisboa 1857.

⁽¹¹⁾ A. J. Moreira, *Colecção de epitáfios, inscrições e letreiros.* Ms. da Academia Real das Ciências, vol. 3.º, fol. 550. Lisboa 1864.

sei onde terá ido buscar o nome de *Brasília* com que crismou D. Maria de Vila Lobos.

Mendes Leal ⁽¹²⁾, embora não se pronuncie claramente acerca do dia em que Lopo Fernandes foi encerrado no túmulo da Sé; ao referir-se a Moreira, diz que no epitáfio «há também um erro de data, e acerca do seu jazigo ficaram omissas algumas particularidades». Apenas quanto ao ano diz que «a data da inscrição que Moreira copiou MCCCLXXXVI, é em verdade 1387». Seria esse o «erro de data» a que se refere?

O abade Castro ⁽¹³⁾, que insiste em chamar *Brazélia* à filha de D. Rui Gil de Vila Lobos, e igualmente na data de 22 de Dezembro de 1386; além de outras incorrecções e da omissão de algumas linhas do velho leitreiro sepulcral, limitou-se a seguir em tudo o mais a leitura de Moreira.

Todos, como disse, mais ou menos, leram mal, o que não deve merecer-nos censura, pois ao estudo da epigrafia medieva não era dada a atenção que hoje se lhe atribui, e então quase só se concedia às lápidas da antiguidade grega e romana. Já anteriormente, em verdade, alguns autores nacionais haviam publicado inscrições lapidares portuguesas, mas sem lhes estudarem as fórmulas, os caracteres, os sinais, os nexos, etc. O primeiro trabalho de sistematização foi o do Académico João Pedro Ribeiro, só mais de um século depois retomado e ampliado.

Mendes Leal confessa que foi ajudado na sua leitura por José Gomes Góis, que «se encarregou de ir pessoalmente verificar as mais importantes epígrafes» da Sé, auxiliado «com tão superior competência» pelo deão D. José de Lacerda ⁽¹⁴⁾.

Julgo, pois, ser lícito atribuir o erro de leitura que provocou esta investigação, ao paleógrafo Góis, que o transmitiu a Castilho em 1885, como, porventura, já o transmitira a Mendes Leal em 1868, com o consenso do velho Deão, erro que se manteve até nossos dias sem rectificação, por negligência, ou por boa-fé.

⁽¹²⁾ J. da S. Mendes Leal, *Monumentos Nacionais* — V. *Basílica de S.^{ta} Maria Maior (Sé de Lisboa)* VI, p. 143. Lisboa 1868.

⁽¹³⁾ Abade António Dâmaso de Castro e Sousa, *Monografia da Igreja Matriz da Cidade de Lisboa*, in «Boletim de Arquitectura e de Arqueologia», tom. 1.^o, 2.^a série, p. 103. Lisboa 1876.

⁽¹⁴⁾ Obr. cit., p. 157, nota 1.



Inscrição tumular de Lopo Fernandes Pacheco